

A CONQUISTA DA AMÉRICA CENTRAL: 1493 - 1522. PAPEL DAS IDÉIAS CRISTÃS-EUROPÉIAS E ATITUDES MÚLTIPLAS DOS INDÍGENAS FRENTE À CONQUISTA

Dêniel Quezado de F. Sobral

RESUMO

Análise, através de bibliografias, do processo conquistador espanhol na América Central, de 1493 a 1522: papel relevante de teólogos e juristas e seus escritos na formação ideológica dos conquistadores e monarcas; como a conquista se baseou no massacre e exploração dos nativos; mudanças de atitude motivadas por críticas de padres, como Las Casas; papel dos indígenas no processo, como se configuraram as relações antagônicas e de interesses destes com espanhóis.

Palavras-chave: Conquista, Massacre, Relações, Rearranjos.

INTRODUÇÃO

Aqui nos propomos a analisar o papel ativo que, de um lado, as idéias e práticas cristãs-europeias tiveram no processo da conquista e, de outro lado, as idéias e práticas indígenas, que em determinados momentos auxiliaram o processo conquistador e em outros serviram de estímulo à guerra ou suporte psicológico de sobrevivência.

Percebemos a “descoberta” da América como um momento único na História mundial seja como redescoberta do outro, seja como um momento de massacre, genocídio e tragédia em nome da evangelização sobre todos os povos da Terra, a ferro e fogo se necessário e da busca de riquezas desenfreada e sem escrúpulo.

Para alcançamos nosso objetivo, fomos à fonte várias ligadas ao tema: Tzvetan Todorov , A conquista da América; Silvio Zavala, La Filosofía Política en la conquista de América; El descubrimiento de América e su sentido actual, organizado por Leopoldo Zea;

Volume I da História da América latina colonial, organizado por Leslie Bethell; e a revista História Viva, ano 2 número 13.

SOCIEDADE ESPANHOLA NO FIM DO SÉCULO XV

Para adentrarmos no assunto, faz-se necessário dar uma visão panorâmica da sociedade espanhola no final do século XV, percebendo suas características históricas e sociais. Essa sociedade é marcadamente católica-escatológica (o fim do mundo viria com a cristianização do mundo inteiro), com traços medievais muito fortes, como o apreço pela honra e fama, a busca de graças do rei por serviços prestados (mercês)¹, mas também já aparecem elementos modernos, como a busca, por parte da nobreza, de novos artigos de luxo, e, para financiar esses nobres, aparecem as figuras do comerciante rico e do banqueiro, elementos do nascente capitalismo comercial, se podemos dizer assim.

Um elemento importante para a caracterização dessa sociedade é a imagem do infiel. Desde 711 que o califado muçulmano controlava a Península Ibérica, com bolsões de resistência crista ao norte (o reino de Astúrias), que nunca foi controlado e mais tarde serviu como lugar de origem da reconquista cristã, que acabará em 1492 com a tomada da cidade de Granada, ultimo reduto muçulmano. O infiel ocupou bastante o pensamento cristão, levando vários teólogos produzirem obras sobre o relacionamento destes com os cristãos, o melhor modo de dominá-los, etc. Assim, a Espanha foi profundamente afetada por essa rivalidade com conotações de intransigência religiosa, já no século XI.²

Alem, os cristãos ocidentais desenvolveram teorias a cerca dos infiéis e dos gentios, pensando-os necessariamente como inferiores aos cristãos e dignos da morte, da servidão e da guerra³. Esses pensamentos têm suas bases nos pensadores clássicos, como Aristóteles, e nos Pais da Igreja, como Santo Agostinho e Santo Tomas de Aquino. Devemos perceber que, contudo, essas tradições não eram estáticas, mas estavam em constante mudança: “as idéias que presidiram o encontro dos dois povos eram certamente medievais, mais ainda tardorromanos, porem não há que dar significação estática a essas expressões”.⁴

TEOLOGIA E JURISDICÇÃO NA CONQUISTA DA AMÉRICA

O papel que os teólogos e juristas tiveram no processo da conquista da América foi muito importante. Os seus textos permitiram, alguns direta outros indiretamente, modos de atuar frente aos indígenas, e mesmo que estes não fossem conhecidos, pudessem ser classificados e combatidos.

A idéia de propagação da fé cristã e dominação sobre os gentios e infiéis auxiliou no processo de dominação da América. Desde o século XIII, havia a doutrina, sustentada por Henrique de Susa, ou, como era conhecido, o Ostiense, que o Papa, por ser vigário de Deus, tinha poder tanto sobre os fieis como sobre os infiéis, além de que, quando achasse oportuno, ele poderia reclamar o poder sobre títulos, principados e domínios dos infiéis⁵. O jurista que trouxe os princípios de Ostiense para o caso da América foi Juan Lopez de Palácios Rubios, que fez um tratado em 1514, quando os monarcas espanhóis quiseram saber quais eram os títulos que detinham sobre as Índias e suas populações, e como governa-los. Este sustentava que Cristo foi soberano tanto espiritual como temporalmente, e entregou os seus poderes ao Papa. Os infiéis não gozavam de liberdade frente à Igreja, e deveriam entregar suas possessões quando Roma as reclamasse⁶. Foi com esse pensamento que Palácios Rubios escreve um requerimento que deve ser lido aos indígenas do Novo Mundo. Nele estão as seguintes idéias:

En él comenzaba por explicar sumariamente la doctrina cristiana, afín de que los infieles supieran quién era Cristo, quién el Papa, y qué derecho tenían los cristianos para exigirles la sujeción a su poder. El ultimo párrafo revela el sentido coactivo de esta demanda: cuando ya se ha dicho a los indios que todos los hombres son prójimos y descienden de Adán, se les pide que reconozcan la Iglesia y al Papa, y al Rey y a la Reina como superiores de estas tierras por donación papal. Si quieren someterse, se les recibirá con todo amor y caridad, se les dejarán sus mujeres, hijos y haciendas libres, y no se les compelerá a que se tornen cristianos, salvo si informados de la verdad desean convertirse, y el Rey les hará muchas mercedes; si se niegan a obedecer, el capitán, con la ayuda de Dios, les hará guerra, y tomará sus personas y la de sus mujeres e hijos, y los hará esclavos y como tales los venderá⁷.

Esse mesmo requerimento foi usado nas conquistas do Darien, México, Nova Galicia, Peru, etc. É interessante no texto perceber que aqui os indígenas não seriam

obrigados a converter-se, mas a Igreja reclama seus domínios. O que se busca são terras e riquezas. Então, como escreve Zavala, “lo que se procura es justificar la causa del procedimiento bélico”⁸.

Essa idéia foi duramente criticada por Las Casas, que pensava que nem o Papa nem o Rei da Espanha teriam qualquer direito sobre as coisas e domínios dos indígenas, pois antes de tudo o que se deveria fazer era tira-los da idolatria e do pecado mortal em que se encontravam, através do amor e do exemplo de vida cristã. Essa maneira de pensar vem igualmente de tempos remotos, já com Inocêncio IV (†1254) e Santo Tomas de Aquino (†1274), mas ganhou força com Juan Maior, trazendo a idéia dos dois teólogos acima citados os quais afirmavam que o domínio não se baseia nem na fé nem na caridade, senão no direito natural, e portanto o infiel teria direito a liberdade, propriedades e jurisdição⁹.

Outro teólogo com grande influência e defensor dessa teoria foi o cardeal Cayetano (1469- 1534) que considera os índios como infiéis que nem de direito nem de fato estão sujeitos a príncipes cristãos, e não deveriam ser privados de seus domínios, e nem o Papa nem o Imperador podiam guerrear com eles justamente. Além, via que o método de penetração na América deveria ser apostólico, e não violento.

Assim, houve um progresso da doutrina política, com o abandono do requerimento e a promulgação das Ordens de Felipe II em 1573, culminando com a Recopilação das Leis de Índias de 1680, em que se lê: “que no se pueda hacer, ni se haga la guerra a los índios de ninguna provincia para que reciban la santa fé católica y nos den la obediência, ni para otro ningun afecto”¹⁰.

O mesmo processo se deu no tocante à servidão natural. Com os gregos, essa servidão era vista como a relação natural entre o tolo e o sábio, o imperfeito e o perfeito, o irracional e o racional, o fraco e o forte.

Os teólogos cristãos medievais, como os Pais da Igreja e Santo Agostinho afirmam que a escravidão é contra natura, pois na natureza todos os homens são iguais, mas em sociedade eles são desiguais, aceitando portanto a servidão. Santo Tomas de Aquino, por exemplo, pensava que seria útil para o tolo servir o mais sábio.

Com o Renascimento, ainda se mantém essas posições. Bodino (1530-1596) escreve que a escravidão é antiga e generalizada, mas que a escravidão é contra natura quando o sábio serve o tolo, o forte serve o fraco.

O teólogo Ptolomeu de Lucca († 1326), prova em seu livro *Quadripartito* que os costumes de uns homens são distintos de outros por causa das constelações, e até a servidão de um povo pode ser explicada por isso, onde alguma região e seus habitantes seriam aptos à servidão¹¹.

Juan Maior traz esses argumentos, e ainda acrescenta para o caso da América:

Aquel pueblo vive bestialmente. Ya Tolomeo dijo en el Cuatripartito que a uno y otro lado del Ecuador, y bajo los polos, viven hombres salvajes: es precisamente lo que la experiencia ha confirmado. E acrescenta: De donde el primero en ocupar aquellas tierras puede en derecho gobernar las gentes que las habitan, pues son por naturaleza siervas, como está claro¹².

Por tanto, para esses teólogos, a escravidão existiria pela inferioridade natural do povo dominado. Segundo Frei Bernardo de la Mesa, da Ordem dos Predicadores, a servidão natural dos índios só tem razão pela falta de entendimento, capacidade e firmeza no caminho da fé e dos bons costumes.

Outro importante pensador sobre a servidão é o teólogo Gines de Sepúlveda (1490-1573), que pensa a dominação do espanhol sobre o indígena como melhor para esse que para aquele. No seu livro *Democrates Alter*, compara a Espanha com Roma, e escreve:

Que cosa pudo suceder a estos bárbaros más conveniente ni más saludable que el quedar sometidos al imperio de aquellos cuya prudencia, virtud y religión los han de convertir de bárbaros, tales que apenas merecían el nombre de seres humanos, en hombres civilizados en cuanto pueden serlo; de torpes y libidinosos, en probos y honrados, de impíos y siervos de los demonios, en cristianos y adoradores del verdadero Dios?¹³

Foi duramente criticado por Las Casas, por dar argumentos para a escravização e exploração maciça e impiedosa dos indígenas.

Tendo acesso a esses escritos, percebe-se o grau de confusão reinante desse universo de ideologias conflitantes, onde a busca por riquezas, seja com o ouro ou com o trabalho dos povos nativos na agricultura e mineração, e ao mesmo tempo o desprezo pela cultura nativa se choca com um pensamento que, se não respeita essas tradições, tenta persuadi-los de abandonarem a idolatria com o exemplo da vida cristã, além de tentar impedir e até recriminar a exploração dos índios.

OS INDÍGENAS E A CONQUISTA

E como os indígenas atuaram frente a esse processo? Foram objetos passivos ou de algum modo atuaram? Obvio que aqui não se busca diluir os acontecimentos, como se nada tivesse ocorrido, como se crimes não tivessem sido praticados contra populações e culturas em nome da riqueza fácil e do desprezo pelo outro¹⁴. No entanto, busca-se também perceber como os indígenas atuaram, seja resistindo, seja unindo-se aos invasores ou buscando, nas tradições, maneiras de sobreviver e resistir às novas idéias e práticas vindas com essa população estranha e dominadora.

Quando Colombo chega numa ilha que a partir de então denominou Hispaniola, e a busca incessante por ouro¹⁵ não estava sendo satisfeita, ele escravizou alguns índios e a partir daqui “(...) Colombo colocou de forma aguda uma questão que iria dominar a história da América nos 50 anos seguintes: o status a atribuir à população indígena”¹⁶.

Realmente, nos anos seguintes a 1493, a escravização nas ilhas do Caribe tomou tal proporção que em algumas delas chegou-se a total extinção das populações nativas, com grande desespero para os encomenderos e espanhóis que desejavam urgentemente mão de obra. Essa tomada de mão-de-obra para a construção, mineração ou agricultura não se fez sem o uso da força e a escravização, e como escreve Elliot:

A cada novo avanço dos invasores espanhóis o raio de devastação se alargava. À medida que uma área após a outra de penetração espanhola perdia sua população aborígine diante do avanço incessante da destruição, da degradação e da doença, os invasores espanhóis faziam esforços desvairados para restabelecer a força do trabalho nativa em declínio, organizando expedições para preia de escravos na região circunvizinha.¹⁷

Enquanto os habitantes das Caraíbas nada puderam fazer seriamente para defenderem-se, e foram extintos por causa das duríssimas rotinas de trabalhos forçados, extermínios em massa, doenças não-conhecidas devastadoras para eles e maus-tratos, quando os conquistadores chegaram na América Central e encontraram um ambiente diferente. Havia nessas regiões populações antiqüíssimas, com culturas variadas e promissoras. Então, aparecia algo que poderia ser um obstáculo sério a expansão espanhola. Mas, Todorov se interroga: porque esta “vitória fulgurante” dos espanhóis, quando os americanos eram tão superiores aos espanhóis, e estavam a lutar no próprio território?¹⁸

Pesquisas mais recentes estimam que as populações da Região Central Mexicana chegaram a ter possivelmente entre 8 a 14 milhões.¹⁹

Muitas questões estão ainda a serem respondidas. Contudo tem-se algumas luzes, alguns indícios. Realmente o principal motivo foi a guerra de conquista, levada pela superioridade das armas, pelo uso das armaduras que faziam quase nulas as armas dos índios, como as espadas tacapes dos astecas, além da guerra bacteriológica, que devastou populações inteiras com doenças como gripe, varíola e sarampo. Mas o conquistador espanhol contou com mais dois trunfos: alianças com tribos rivais e a compreensão e dominação (como consequência lógica para os espanhóis e Cortez) do imaginário desses povos.

Nos casos dos astecas e a destruição do seu império em 1522, os espanhóis tiveram acesso a informação de que haviam rivais fora do império, e dentro haviam descontentes e povos que os odiavam. Assim foi que, na luta contra os tlaxcaltecas, estes, frente à derrota, fizeram as pazes com os invasores, e os auxiliaram com exercito e informações das fraquezas do império. Os tarascos, outra tribo que habitava a região, nada fez para ajudar os astecas quando estes o pediam urgentemente. E assim foi que Cortez cooptou ajuda dos dissidentes e inimigos dos astecas para vence-los e controlar esses territórios e futuramente todo o continente.

Pelas fontes consultadas, não sabemos se essas tribos tiveram acesso a algum poder dentro da configuração do império espanhol nas Américas, mas acredito que ganharam alguma poder relativo e local.

A vitória dos espanhóis foi possível também pelo acesso às tradições desses povos e poder jogar com elas, ganhando força frente a eles. Só como ilustração, os relatos indígenas da conquista recolhidos por Sahagun e Duran dizem que Montezuma pensava ser Cortez o deus Quetzcoatl, que volta para tomar novamente seu reino²⁰. Deve-se saber, no entanto, que não se tem informações se realmente Montezuma pensava isso ou foram os sobreviventes da conquista que buscaram respostas para a não reação mais enérgica frente aos invasores. No entanto, Cortez tem acesso a esse mito, e incorpora-o na sua maneira de agir. Aliás, as atitudes de Montezuma são contraditórias frente aos invasores e as estratégias que poderiam destruí-los são ineficazes.

CONCLUSÃO

Percebe-se que havia um forte desejo de vitória e conquista nos espanhóis, além de unir a expansão da fé cristã com a busca de riquezas. Isso se fez com grande violência e extermínio das populações americanas, amparados por leis e idéias de pensadores que de algum modo permitiam essas atitudes. Os índios, perante tal momento de crise, reagiram, seja indo contra os invasores, como os astecas, agora liderados por Cuauhtemoc, mesmo que com avanço sobre os territórios, a união dos espanhóis com seus antigos rivais e as enormes baixas morais e matérias não conseguirem evitar a ruína do seu império; seja com a paz e união com os invasores, como fizeram os tlaxcaltecas, que buscavam assim unirem-se com os “deuses” vitoriosos e também se vingarem dos astecas.

Não buscando esgotar o tema, muito pelo contrário, buscamos e acreditamos ter conseguido mostrar que os espanhóis não eram intrinsecamente maus, nem os índios intrinsecamente bons, e que a história da América não significa uma entre polarização bons e maus. Buscamos analisar como os indígenas (que, costumeiramente, pensamos neles como um todo homogêneo, quando na verdade não é) e os espanhóis atuaram em um momento histórico de crise: para estes, um novo mundo paradisíaco e rico a ser conquistado e colonizado (os métodos variam) e para aqueles, uma época de violência e de novos rearranjos sócio-culturais com essa nova presença. Essas atuações, certamente, farão da América o que ela é.

NOTAS

¹ ELLIOT, J.H. A conquista espanhola e a colonização da América, in BETHELL, Leslie (org). *História da América Latina: América Latina Colonial*, Vol.I. 2ª ed. São Paulo: Brasília, Fund. Alexandre Gusmão, 1998, p. 138.

² ZAVALA, Silvio. *La filosofía política em la conquista de América*. 3ª ed. México: Tierra Firme, 1993, p. 24.

³ *Idem*, p. 24.

⁴ RAMOS, Luis, *Cur tam sero?* Algunos antecedentes patristicos de la teoria política de Francisco de Vitória. In: ZEA, Leopoldo (org). *El descubrimiento de América y su sentido actual*. 1ª ed. México: Tierra Firme, 1992, p. 65.

⁵ ZAVALA. *Op. cit.*, p. 25.

⁶ *Idem*, p. 28.

⁷ *Ibidem*, p. 29.

⁸ *Ibidem*, p. 29.

⁹ *Ibidem*, p. 31.

¹⁰ *Ibidem*, p. 37.

¹¹ *Ibidem*, p. 46.

¹² *Ibidem*, p. 48.

¹³ *Ibidem*, p. 56.

¹⁴ TODOROV, Tzvetan. *A conquista da América. A questão do outro*. 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

¹⁵ *Ibidem*, p. 58. Mesmo com pouco tempo de contato, já era percebido pelos indígenas o incessante desejo por ouro, como nas palavras de um índio registradas no diário de Colombo de 16/ 12/ 1492: “um dos índios que vinha com o Almirante falou com o rei dizendo-lhe que os cristãos vinham do céu e andavam a procura de ouro”

¹⁶ ELLIOT. *Op. Cit.*, p. 149.

¹⁷ *Idem*, p. 156.

¹⁸ TODOROV. *Op. Cit.*, p.73.

¹⁹ BETHELL, Leslie. *História da América Latina*, *op. cit.*, p. 129.

²⁰ TODOROV. *Op. Cit.*, p. 170.